

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA DA PEDAGOGIA VISUAL PARA COMPREENSÃO LEITORA DOS ALUNOS SURDOS ¹

Deiziane Alves da Costa Silva (UFPE)²

Elinalda Maria dos Santos (UFPE)³

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo investigar como as Histórias em Quadrinhos (HQs), fundamentadas nos princípios da Pedagogia Visual, contribuem para a compreensão leitora dos alunos surdos. A pesquisa foi conduzida por meio de abordagem qualitativa. Com análise documental baseada em Marconi e Lakatos (2002), a fim de reunir estudos e experiências que evidenciem a importância da Pedagogia Visual no processo de ensino e aprendizagem para sujeitos surdos. Fundamentadas nos trabalhos de Campello (2007, 2008), Lacerda *et al.* (2011), Pachiel (2024); Ramos (2006); Alves (2015) entre outros autores que sustentaram e enriqueceram o percurso deste trabalho. Foram analisados elementos multimodais presentes nas HQs do autor Lucas “Tikinho”; Comparação de HQs em Português, em Libras/Português, Visual e *SignWriting*, identificando quais são as contribuições para a compreensão leitora dos alunos surdos; e por último propomos um planejamento didático baseado na Pedagogia Visual com o uso de HQs como ferramenta de contribuição para compreensão leitora dos alunos surdos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Pedagogia Visual; Compreensão de Leitura; Educação de Surdos.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, a leitura em Língua Portuguesa (LP) continua sendo um dos desafios enfrentados por alunos surdos no contexto escolar. Essa dificuldade se explica, em parte, pelo fato da Língua Brasileira de Sinais (Libras) apresentar uma estrutura gramatical visual-espacial. A comunidade surda se expressa por meio das mãos, das expressões faciais e corporais, construindo sentidos por caminhos diferentes dos códigos fonológicos e sintáticos do português, que por sua vez tem estrutura gramatical oral-auditiva. Essa distância linguística pode causar barreiras que só conseguem ser superadas se as práticas pedagógicas partirem de um reconhecimento genuíno do modo visual de aprender das pessoas surdas. Não basta oferecer

¹ Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras-Libras apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelo seguinte membro: Profª. Ma. Mirelly Lucena de Lira. Orientador o Prof.: Cristiano José Monteiro e Coorientadora Profª.: Ana Cláudia Barbosa de Lima, na seguinte data: 15 de agosto de 2025.

² Graduanda em Letras-Libras na UFPE.

³ Graduanda em Letras-Libras na UFPE.

materiais adaptados de forma pontual, é necessário construir uma abordagem metodológica fundamentada na visualidade como eixo estruturante da aprendizagem (Campello, 2008).

É nesse cenário que emerge a Pedagogia Visual como um campo que reconhece a importância do olhar e da imagem no processo de aquisição da leitura, principalmente quando se trata de pessoas surdas. A Pedagogia Visual não se limita ao uso de imagens decorativas, mas propõe uma concepção em que a imagem pode assumir o papel de linguagem, essencial à construção do conhecimento. Esse olhar converge com reflexões de autores como Santaella (2012) e Santana (2017), que defendem que vivemos em uma cultura multimodal, na qual imagens, cores, gestos, sons e palavras interagem na produção de sentido.

A partir dessa perspectiva, surgiu a pergunta que orientou este estudo: “De que forma as Histórias em Quadrinhos podem contribuir para a compreensão da leitura por alunos surdos?” Essa questão parte da constatação que mesmo após avanços legais importantes para a comunidade surda, como a Lei nº 10.436/2002 e o Decreto nº 5.626/2005, Art.2º afirma as pessoas surdas, compreendem e interagem com o mundo por meio de experiências visuais (Brasil, 2005). Embora exista uma base legal que apoia o ensino da Libras, na prática esse ensino está sendo eficaz? Afinal, do que adianta uma legislação avançada se os materiais pedagógicos e as metodologias não são adaptados de fato, para atender às necessidades visuais e linguísticas dos alunos surdos? É necessário que os materiais pedagógicos sejam adaptados para os alunos surdos, facilitando sua compreensão e participação no processo de ensino e aprendizagem.

Os materiais didáticos e práticas pedagógicas muitas vezes permanecem centrados na oralidade e na escrita linear em língua portuguesa, sem explorar os recursos visuais e multimodais que favorecem a compreensão de alunos surdos. Campello (2007), destaca a importância de refletir sobre a Pedagogia Visual, pois para ela é um campo que precisa ser mais conhecido, e ser levado em consideração o estado real do ensino, introduzindo principalmente a aquisição da linguagem e dos materiais didáticos especificamente para o ensino de pessoas surdas dentro das escolas. Ao reconhecer a importância da Pedagogia Visual, do olhar e da imagem no processo de aprendizagem, aproxima-se naturalmente das potencialidades das Histórias em Quadrinhos. Enquanto gênero textual multimodal, elas articulam diferentes elementos visuais e linguísticos que favorecem a compreensão textual.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como as Histórias em Quadrinhos, conectadas com a Pedagogia Visual, podem contribuir para a compreensão leitora dos alunos surdos. Como objetivos específicos, propomos: Analisar elementos multimodais presentes nas

HQs do autor Lucas “Tikinho”; Comparar HQs em português, em Libras/Português, visual e *SignWriting*, identificando quais são as contribuições para a compreensão leitora dos alunos surdos; Propor um planejamento didático baseado na Pedagogia Visual com o uso de HQs como ferramenta de contribuição para compreensão leitora dos alunos surdos.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com análise documental, conforme propõem Marconi e Lakatos (2002). Para os referenciais teóricos destacamos, Ramos (2006); Campello (2007, 2008); Lacerda *et al.* (2011); Alves (2015); Pachiel (2024); entre outros autores que sustentaram e enriqueceram o percurso deste trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está estruturado nos seguintes momentos: A educação de surdos no Brasil; A Pedagogia Visual como Estratégia de Ensino; A compreensão leitora dos alunos surdos em textos escritos; Gênero textual: Contribuições de Histórias em Quadrinhos; Origem e trajetória das HQs: uma breve história; Estrutura da leitura em *SignWriting*; e por último A Multimodalidade nas Histórias em Quadrinhos.

2.1 Educação de Surdos no Brasil

Antes de qualquer análise sobre a educação de surdos no Brasil, é fundamental ressaltarmos a Constituição Federal de 1988. Nela está a garantia que a educação é um direito de todos e um dever do Estado, um princípio que parece simples, mas será que na prática esse direito está realmente sendo assegurado a todos os cidadãos? Estão de fato promovendo uma educação inclusiva, acessível e equitativa? Essas interrogações se tornam ainda mais necessárias quando nos referimos a grupos que historicamente foram silenciados dentro dos espaços educativos, como os surdos.

O processo educacional dos surdos apresenta as diversas faces de uma educação excludente, desde que estes deveriam ser obrigados a falar e suas especificidades negadas, (Alves, 2015). Tal concepção limitou não apenas o acesso à língua, mas também à produção textual, marginalizando os Surdos no contexto escolar. A autora também afirma que, no Brasil, a busca da comunidade surda por uma educação de qualidade que valorize seus aspectos socioculturais, tem avançado ao longo do tempo. A partir de vários debates durante a década de

1980, compreendeu-se que a LP não deve substituir a importância da Língua de Sinais na vida dos surdos.

A promulgação da lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, foi uma grande conquista para a comunidade surda.

Após muitas lutas contra um processo educacional totalmente excludente, os surdos se posicionam e afirmam seu direito a uma educação propositiva de surdos para surdos. No Brasil, após o reconhecimento da Libras como língua natural oriunda da comunidade surda por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, percebemos um caminho trilhado para efetivação de uma educação que respeite as singularidades da comunidade surda (Alves, 2015, p. 33).

A trajetória educacional dos sujeitos surdos no Brasil tem sido marcada por desafios históricos, sobretudo no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita. Durante décadas, predominou o paradigma oralista, que negligenciou as especificidades linguísticas e cognitivas da comunidade Surda, resultando em práticas pedagógicas excludentes e na concepção equivocada de que esses sujeitos seriam incapazes de desenvolver habilidades de leitura e escrita na LP (Campello, 2008).

Apesar dessas conquistas legais, ainda tem desafios a serem enfrentados no cotidiano escolar. O que se observa nas escolas brasileiras é, muitas vezes, uma tentativa de inclusão que se sustenta mais no discurso que na prática, a presença do aluno surdo na sala de aula regular não garante, por si só, a acessibilidade linguística e pedagógica necessária para a efetiva aprendizagem. Isso ocorre porque o modelo educacional brasileiro ainda é predominante centrado na oralidade e na norma padrão da língua portuguesa, o que exclui os sujeitos surdos em sua especificidade linguística e cultural. De acordo com Alves, (2015), o objetivo da educação do surdo era voltado mais para a comunicação, e não para adquirir conhecimento. Essa prática não está de acordo com o direito de se expressar e de igualdade, achando eles que os surdos não tinham capacidade de aprender pelo fato de não ouvir. Então, a educação de surdos precisa deixar de ser apenas normativo e se tornar efetivamente transformador, mas para que isso aconteça é necessário ter compromisso ético, político e pedagógico por parte do Estado, das instituições de ensino e dos profissionais da educação.

2.2 A Pedagogia visual como estratégia de ensino

A pedagogia Visual surge como uma abordagem metodológica que reconhece o olhar e a percepção visual como elementos importantes no processo de ensino e aprendizagem de

alunos surdos. Partindo do entendimento que a Libras, é uma língua de modalidade gestovisual, que se estrutura por meio de sinais, expressões faciais e movimentos corporais. A Pedagogia Visual propõe que o ensino seja organizado para fortalecer essas dimensões visuais, interagindo com imagens, ilustrações, vídeos e outros recursos que ajudam na construção de sentidos dos surdos.

Segundo Campello (2008, p.64):

A pedagogia visual, no meu entender, não pode ser deixada e ignorada, já que o valor da língua de sinais vai ganhando, gradativamente, o seu espaço visual. A língua de sinais por meio de “experiência visual” tem derrubado a crença centralista e oralista, que era um instrumento de serviço da língua distinta da língua de sinais. É um processo político e de movimento social que precisa ser identificado como um todo.

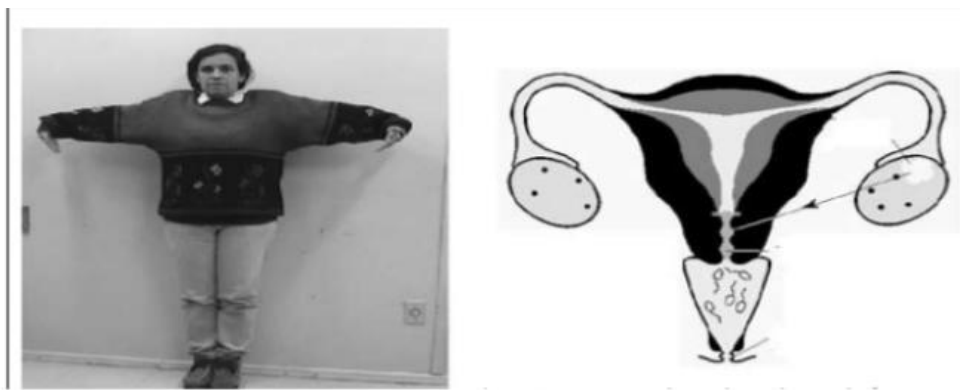
De acordo com Campello (2007) afirma, que a Pedagogia Visual, também é denominada como pedagogia surda, que ambas podem ser compreendidas como aquela que está erguida entre os pilares da visualidade, ou que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender.

A Pedagogia Visual permite que os professores desenvolvam um ambiente de ensino mais atrativo, estimulando todos os sentidos de aprendizagem dos alunos, propondo uma experiência mais significativa.

Através da pesquisa, observamos que não é comum encontrar produções teóricametodológicas relacionadas à pedagogia visual na área dos surdos, mesmo que a língua de sinais (que é a língua natural, materna e nativa das pessoas surdas, cuja modalidade é gesto-visual) se apoie em recursos da imagem visual (Campello, 2007, p. 113).

Abaixo, segue um exemplo prático ilustrado pela autora com uso da língua de sinais, que demonstra como a Pedagogia Visual pode ser aplicada no processo de ensino aprendizagem. Essa imagem representa de forma clara como o uso de recursos visuais pode facilitar a compreensão de conceitos, tornando o aprendizado mais acessível e significativo para os alunos:

Figura 1 – Pedagogia Visual em Ação



Fonte: Campello (2007).

A autora ao fazer a apresentação em sala de aula, explica aos professores e responsáveis da aula, que esta representação não é um gesto ou mímica, mas signos com sentido próprio, que podem e devem ser integrados conscientemente ao planejamento pedagógico. Essa visão dialoga de forma complementar com as reflexões de (Lacerda *et al.*, 2011), que defende que a Pedagogia Visual não apenas é uma área que tem como objetivo acompanhar os avanços tecnológicos e sociais, mas também precisa ser atendida as demandas dos alunos surdos. Para as autoras, não basta apresentar conteúdos em Libras de forma isolada, é fundamental explorar toda riqueza visual da língua de sinais, por meio de estratégias que aproveitem recursos visuais, imagens e vídeos. Como ressaltam, o sujeito surdo constrói sentidos a partir das imagens e signos visuais que evocam contextos históricos e culturais.

Nessa mesma direção, é relevante pensar em uma pedagogia que atenda as necessidades dos alunos surdos que se encontram imersos no mundo visual e apreendem, a partir dele, a maior parte das informações para a construção de seu conhecimento. Para os surdos os conceitos são organizados em língua de sinais, que por ser uma língua viso-gestual, pode ser comparada a um filme, já que o enunciador enuncia por meio de imagens, compondo cenas explorando a simultaneidade e a consecutividade de eventos. Assim, para favorecer a aprendizagem do aluno surdo não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando de toda a potencialidade visual que essa língua tem (Lacerda *et al.*, 2011, p.104).

Ao articular essas duas perspectivas, percebemos que a Pedagogia Visual vai além de uma proposta metodológica, é de fato um compromisso com uma educação que realmente reconheça e respeite a experiência visual como central para o processo de ensinoaprendizagem dos alunos surdos. Assim, Campello (2007) destaca a necessidade de práticas exclusivamente visuais, enquanto (Lacerda *et al.*, 2011) aprofundam a discussão ao mostrar que o ensino deve explorar as potencialidades visuais da Libras e de outros recursos multimodais. Essa conexão

evidencia que, ao valorizar a visualidade, os educadores adaptam conteúdos e ampliam as possibilidades de construção crítica de saberes pelos sujeitos surdos, reconhecendo-os como leitores e produtores de sentidos.

No campo da pedagogia visual, a imagem não pode ser vista apenas como um recurso estético ou ilustrativo. Para alunos surdos, cuja percepção de mundo é construída majoritariamente por meio da visualidade, ela assume um papel estruturante no processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a imagem constitui uma linguagem legítima, capaz de gerar conhecimento, articular sentidos e provocar inferências.

Em vez de funcionar como apoio à linguagem verbal, a figura se apresenta como um meio independente de comunicação, com estrutura própria e potência para expressar conteúdos complexos e abstratos. Reconhecer essa dimensão da imagem é essencial para desenvolver práticas de letramento visual que realmente dialoguem com as necessidades do sujeito. Autores como Santaella (2012) e Santana (2027), defendem que é urgente incorporar a alfabetização visual ao cotidiano pedagógico, valorizando a imagem como um verdadeiro "texto visual", repleto de intencionalidades, códigos e significados. Essa abordagem amplia as possibilidades de leitura crítica do mundo por parte dos estudantes surdos, fortalecendo sua autonomia e participação social.

Dessa forma, tratar a imagem como um tipo de linguagem demanda uma atitude pedagógica analítica, que ultrapasse o uso apenas estético ou inspirador, incorporando-a ao processo de compreender, interpretar e criar. Trata-se de uma leitura visual que envolve códigos simbólicos, culturais e afetivos, acessíveis inclusive a quem não domina plenamente a linguagem verbal, como é o caso de muitos estudantes surdos. Contudo, apesar da potência dessas imagens, a escola ainda apresenta resistência em abordá-las como textos legítimos.

Há, portanto, uma urgente necessidade de reformulação das práticas de leitura, para que o ensino seja coerente com a realidade imagética vivida pelos estudantes de forma ainda mais evidente, pelos sujeitos surdos. Muitas vezes a imagem é reduzida à função ilustrativa, sem aprofundamento crítico por parte do docente ou dos materiais didáticos.

2.3 A compreensão leitora dos alunos surdos em textos escritos

A leitura em Língua Portuguesa continua sendo um dos desafios enfrentados por alunos surdos no contexto educacional brasileiro, como já mencionado na introdução deste trabalho. Isso se deve ao fato de que a Língua Brasileira de Sinais, é a primeira língua dos surdos, que

possui uma estrutura gramatical visual-espacial, distinta da estrutura linear e oralauditiva da língua portuguesa, que é adquirida como segunda língua. Essa diferença linguística pode causar um impacto diretamente na compreensão e no desenvolvimento da leitura em textos escritos do Português.

A Língua Portuguesa não é primeira língua dos surdos e o ensino da disciplina para esses aprendizes se assemelha, então, ao ensino de uma língua estrangeira, tendo em vista sua L1 (LIBRAS), uma língua espaço-visual, que apresenta especificidades linguísticas em relação à L2 (LP), uma língua oral-auditiva. Dessa forma, é necessário que o professor utilize metodologias apropriadas para proporcionar ao aluno condições de compreender e produzir um texto de forma autônoma e consciente, como agente social (Morais; Cruz, 2017, p. 238).

Além, disso as autoras Moraes e Cruz (2017), destacam que o ensino da língua portuguesa para alunos surdos, requer o desenvolvimento de uma aprendizagem em dupla competência, na leitura e na escrita para que se tornem capazes de compreender e produzir diferentes gêneros textuais como carta formal e informal, relatório, histórias em quadrinhos, resumos e resenhas.

Quadros (1997), afirma que os surdos precisam ter oportunidade de ler materiais que estejam inseridos no cotidiano escolar os tornando capazes de executá-las. E os textos devem estar adequados ao nível linguístico do aluno. Diz também que os professores são responsáveis por indicar pistas que possam apoiá-los na compressão.

A articulação entre as autoras mostra que não se trata apenas de ensinar a estrutura dos gêneros textuais, mas de proporcionar experiências de letramento que respeitem o tempo de aprendizagem do sujeito surdo, e o seu jeito visual de apreciar o mundo e a realidade do ensino em uma segunda língua. Moraes e Cruz (2017) evidenciam a necessidade de uma aprendizagem de dupla competência para ter um bom desenvolvimento de compreensão e de produção. Quadros (1997) destaca o papel fundamental do professor como facilitador na compreensão, com materiais adaptados e recursos visuais.

Há uma certa desconfiança e ausência de incentivo do papel como professores e educadores de surdos. Envolve também a concepção de incapacidade atribuída aos surdos que não sabem ler ou que não desenvolvem o hábito de leitura. Por isso não incentivam, não proporcionam um ambiente linguístico adequado, não fazendo uso de materiais diversificados para que eles possam compreender a língua e a leitura ou um método para que possa desenvolver o gosto pela leitura (Campello, 2008). A autora, deixa claro a importância do incentivo da leitura por parte dos professores na educação dos surdos, diz também que os educadores sempre têm

uma visão negativa desses alunos, e por esse motivo os profissionais não proporcionam um ensino adequado para que possam aprender a língua portuguesa e a leitura da mesma.

Esse entendimento mostra que é necessário ter uma pedagogia planejada, que aproveite a visualidade como estratégia, oferecendo materiais ricos em imagens, narrativas visuais e textos adaptados, que favoreçam a apropriação de sentidos e a construção de significados. Essa perspectiva dialoga com os princípios da Pedagogia Visual como estratégia de ensino. Apesar da eficiência da Pedagogia Visual para os alunos surdos, a escola ainda apresenta resistência em abordá-las como textos legítimos. Como aponta Santana (2017), a leitura visual é muitas vezes negligenciada nos livros didáticos e nas práticas pedagógicas, o que revela uma lacuna entre o que se defende teoricamente e o que se pratica em sala de aula. Essa lacuna também pode ser atribuída à formação docente, que muitas vezes não contempla uma abordagem crítica e multimodal dos textos, deixando professores inseguros diante da complexidade visual que envolve os gêneros atuais.

Há, portanto, uma urgente necessidade de reformulação das práticas de leitura, para que o ensino seja coerente com a realidade imagética vivida pelos estudantes de forma ainda mais evidente, pelos sujeitos surdos. Muitas vezes a imagem é reduzida à função ilustrativa, sem aprofundamento crítico por parte do docente ou dos materiais didáticos.

2.4 Gênero textual: contribuições de histórias em quadrinhos

O conceito de gênero textual é fundamental para compreender as diversas formas de produção e circulação de textos na sociedade. De acordo com Marcuschi (2008) os gêneros são vistos como formas de ação social e não apenas estruturas formais ou textuais, afirmando que isso significa que estão diretamente ligados às práticas da comunicação cotidianas, como os contextos de uso e às intenções dos sujeitos.

Cada gênero, portanto, organiza-se conforme a finalidade que pretende cumprir, utilizando os recursos linguísticos e discursivos mais adequados ao seu propósito. Essa compreensão amplia o olhar sobre os textos que circulam na escola, permitindo que gêneros tradicionalmente considerados informais ou secundários, como as Histórias em Quadrinhos, sejam reconhecidos como potentes instrumentos pedagógicos. Assim, ao abordar as HQs como gênero textual, esta pesquisa considera seu valor comunicativo, sua relevância social e sua adequação à experiência visual de alunos surdos.

Nesse contexto, a busca por metodologias eficazes para o ensino da Língua Portuguesa escrita como segunda língua tem levado à valorização de gêneros textuais com forte apelo visual, como as Histórias em Quadrinhos. Conforme argumenta Pachiel (2024), as HQs constituem um recurso didático significativo devido à sua natureza visual, que dialoga com a forma como os Surdos compreendem e se relacionam com o mundo. As imagens, longe de servirem apenas como apoio ao texto verbal, comunicam-se de maneira autônoma e exigem inferência por parte do leitor, o que estimula o desenvolvimento da competência leitora.

A investigação conduzida por Ravaglio (2018) concentra-se na constituição formal das HQs, enfatizando também assim como Pachiel (2024) sobre aspectos visuais, verbais e compositivos que integram sua gramática particular. Tais recursos não apenas asseguram a coesão da narrativa, como também ampliam seu espectro expressivo e comunicacional. A interação entre texto e imagem, os variados enquadramentos, a disposição das vinhetas, o emprego de balões de fala, legendas e onomatopeias constituem dispositivos fundamentais para a construção de sentido e para a elaboração estética no espaço da página. Deste modo, a apreensão desses elementos revela-se indispensável para a compreensão da singularidade discursiva das HQs e de suas potencialidades no campo da leitura, das artes visuais e da prática educativa.

Além disso, o gênero apresenta uma linguagem concisa e acessível, com uso de elementos gráficos como balões, onomatopeias e metáforas visuais, os quais favorecem a construção de sentido. Ramos (2006) reforça esse aspecto ao afirmar que as HQs são um texto adequado para o desenvolvimento da oralidade e da escrita, justamente por promoverem múltiplas possibilidades de interpretação e produção textual. A partir das discussões apresentadas por Pachiel (2024), é possível reconhecer que as HQs se configuram como um gênero textual multimodal de elevada relevância no contexto do ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos.

Diversos autores, como Ramos (2006), ressaltam que as HQs se estruturam por meio de quadrinizações que organizam a narrativa em sequência lógica, facilitando a compreensão do enredo. Os balões assumem funções específicas ao representar falas, pensamentos e emoções, enquanto as onomatopeias enriquecem a dimensão sonora do texto por meio da visualidade gráfica. A combinação entre texto e imagem permite que os sentidos extrapolam os limites da linguagem verbal, tornando a leitura mais acessível e significativa.

Nessa perspectiva, compreendemos que as HQs não devem ser tratadas como simples materiais de apoio ou entretenimento, mas sim como dispositivos pedagógicos legítimos, que

promovem o letramento visual e crítico. A escola precisa superar a lógica do uso pontual desse gênero textual e inseri-lo sistematicamente nas práticas educativas, considerando a centralidade da visualidade na constituição dos sujeitos surdos. Em vez de adaptar conteúdos exclusivamente pensados para ouvintes, é necessário propor estratégias didáticas que partam da cultura visual e da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como línguas primeiras, respeitando, assim, as especificidades identitárias e linguísticas dos estudantes.

Essa concepção encontra respaldo na experiência apresentada por Moraes e Cruz (2017), que relataram uma proposta pedagógica com HQs desenvolvida com alunos surdos no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que mostra um relato de experiência com alunos surdos do Ensino Fundamental, evidenciando o uso das Histórias em Quadrinhos como ferramenta eficaz no ensino de L2. As autoras observam que os estudantes demonstraram interesse e engajamento nas atividades, uma vez que o gênero HQ, por sua natureza visual e narrativa sequencial, encontra ressonância com a experiência perceptiva dos surdos, que têm na visualidade sua principal via de acesso ao conhecimento. A proposta pedagógica, conduzida em Libras, respeitou a perspectiva bilíngue e possibilitou que os alunos compreendessem a narrativa mesmo diante de eventuais limitações no domínio da língua escrita. As imagens, longe de serem meramente ilustrativas, funcionaram como dispositivos significantes que permitiram a construção de sentido e a apropriação do texto. Além disso, o trabalho com HQs favorece o desenvolvimento da leitura crítica, da interpretação de informações explícitas e implícitas que incentiva a produção textual em português.

O estudo demonstra que a HQ não apenas facilita o aprendizado da L2, mas também promove o acesso dos alunos surdos às práticas sociais de leitura e escrita, fortalecendo sua autonomia e ampliando seu repertório linguístico e cultural. As autoras observaram que os estudantes demonstraram significativa motivação, compreensão textual e autonomia durante a leitura das HQs, sendo capazes de recontar as histórias em Libras com clareza e coesão. Além disso, a atividade contribuiu para o desenvolvimento da escrita em português, auxiliando na organização de ideias, na pontuação e na estruturação frasal. Tais resultados evidenciam o potencial das HQs como instrumento de ensino que respeita a lógica bilíngue e visual do aluno surdo. A linguagem das HQs valoriza a leitura de mundo por meio da imagem e, por isso, responde de forma eficaz às demandas cognitivas e comunicativas dos estudantes surdos.

Ao refletir sobre o impacto pedagógico das HQs, Silva (2021, p. 10) observa que “o aluno é capaz de criar, escrever e ‘fazer sua própria história’ na vida”, o que reforça a importância da autoria e da criatividade no processo de aprendizagem do surdo. A estrutura das

HQs, composta por quadros sequenciais (quadrinização), balões de fala e pensamento, onomatopeias e expressões visuais, permite ao aluno surdo desenvolver habilidades de leitura por meio da decodificação visual. A sequência narrativa, ou seja, a ordem temporal e lógica dos quadros favorece a compreensão do enredo, ao mesmo tempo em que estimula inferências visuais e interpretações subjetivas. Rama *et al.* (2014, p. 35) destacam que: “a grande maioria das mensagens dos quadrinhos [...] é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos” o verbal e o icônico. A autora ainda destaca que os balões, elementos centrais na HQ, variam em forma e função: falas tradicionais, pensamentos, sussurros, gritos e até balões adaptados para representar a Língua de Sinais, como no caso do personagem surdo Humberto da Turma da Mônica. Esses formatos visuais facilitam a associação entre expressões faciais, gestos e emoções, fundamentais para leitores visuais. Segundo Oliveira *et al.* (2010), existem mais de 70 tipos diferentes de balões, cada um carregando uma intenção comunicativa distinta.

A quadrinização, por sua vez, é a organização dos quadros e sua diagramação, também contribui para o ensino, pois permite ao aluno compreender a progressão dos fatos, o ritmo da narrativa e a relação entre ações e reações. Esse aspecto é ainda mais relevante no caso das chamadas HQs silenciosas, que contam histórias apenas por imagens, sem o uso de texto verbal. Cunha (2019) ressalta que essa forma narrativa amplia a acessibilidade, tornando-se legível até por quem não domina a língua escrita.

Nesse contexto, o trabalho com HQs valoriza a criatividade, a autonomia e a expressão pessoal dos estudantes surdos. Ao produzir suas próprias histórias, os alunos exercitam tanto a estrutura narrativa quanto as ferramentas visuais de comunicação, construindo sentido a partir da própria experiência. Como afirma Silva (2021), o aluno é capaz de criar, escrever e ‘fazer sua própria história’ na vida, evidenciando o poder formativo e inclusivo desse gênero.

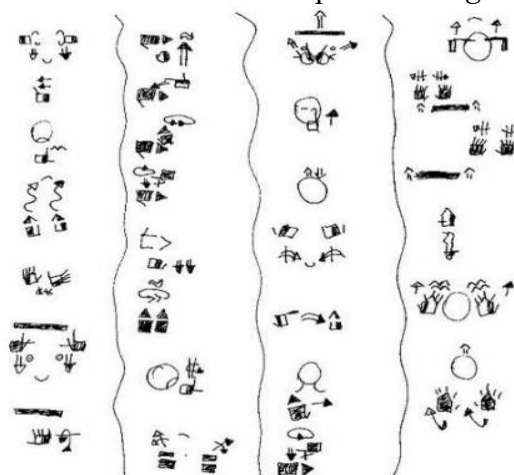
Portanto, a proposta de trabalhar HQs na formação leitora do surdo não é apenas uma escolha metodológica criativa, mas uma estratégia de inclusão consciente, que reconhece na imagem o ponto de partida legítimo para a construção de sentido e para a ampliação da competência leitora, respeitando a singularidade da experiência visual dos sujeitos surdos.

2.5 Estrutura da leitura em *SignWriting*

A escrita de sinais é um conjunto de sistemas criados para registrar graficamente as Línguas de Sinais, preservando suas características visuais e espaciais. Diferente da escrita das línguas orais, que se baseia em sons, ela representa elementos como a configuração das mãos,

a orientação da palma, o local de articulação, os movimentos e as expressões não manuais, que são fundamentais para a construção de sentido. *SignWriting* (escrita de sinais), foi criado em 1974 por Valerie Sutton. Inicialmente, Sutton desenvolveu um método para registrar movimentos de dança, mas o sistema foi adaptado para representar qualquer Língua de Sinais do mundo. O *SignWriting* utiliza símbolos icônicos que, quando combinados, formam sinal, permitindo registrar narrativas, poesias, textos acadêmicos e documentos oficiais diretamente na língua sinalizada. Sua aplicação é ampla, abrangendo desde a preservação cultural e histórica até o ensino bilíngue, possibilitando que pessoas surdas aprendam a ler e escrever em sua língua natural. Apesar dos avanços, a escrita de sinais ainda enfrenta desafios, como a baixa adoção em escolas e a falta de políticas públicas que incentivem seu uso. Mesmo assim, seu crescimento em ambientes educacionais e acadêmicos aponta para um futuro promissor, fortalecendo a identidade surda. Abaixo segue um exemplo de um texto em escrita de sinais do hino nacional:

Figura 2 – Hino Nacional Adaptado em *SignWriting*



Fonte: Stumpf (2005).

A forma de leitura da escrita de sinais é de cima para baixo e da esquerda para a direita. Por coluna sempre na vertical representada por uma sequência de sinais. Elementos visuais são percebidos simultaneamente, como acontece na sinalização real. Não há letras por letras, mas sim uma leitura com o uso do parâmetro da Libras, configuração da mão, localização, movimento e as expressões faciais ao mesmo tempo. As setas, linhas e símbolos complementares indicam direções e marcas não manuais, e precisam ser interpretados junto com os símbolos das mãos.

A estrutura é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo. O *SignWriting* abrange parâmetros que o sistema de Stokoe e a maioria dos sistemas

não incluem. A expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais (Stumpf, 2005).

Assim, a leitura no *SignWriting* é muito próxima da percepção natural da Língua de Sinais, pois o leitor reconstrói mentalmente o movimento e a posição no espaço a partir dos símbolos, como se estivesse assistindo à sinalização ao vivo.

2.6 Origem e trajetória das HQs: uma breve história

A partir da pesquisa desenvolvida por Márcia de Souza Ravaglio (2018), é possível compreender que as Histórias em Quadrinhos se inserem de maneira significativa no cotidiano cultural contemporâneo. Sua presença é tão familiar que, frequentemente, até mesmo o público infantil consegue reconhecê-las e atribuir sentido ao que veem, mesmo sem domínio completo da leitura escrita. Essa aparente simplicidade, no entanto, esconde uma complexidade conceitual, não há uma definição única e universalmente aceita sobre o que configura esse tipo de produção gráfica.

No Brasil, uma das definições mais difundidas encontra-se no dicionário Aurélio, que descreve as HQs como uma sucessão de imagens geralmente dispostas dentro de quadros regulares que, com ou sem o apoio de legendas, contam uma história. Ravaglio (2018) observa ainda uma distinção importante, quando usada no singular, a expressão “história em quadrinhos” refere-se à linguagem enquanto manifestação cultural; no plural, diz respeito às diferentes obras que se inserem nesse universo expressivo. Essa diversidade conceitual também se reflete nas terminologias adotadas por distintas culturas. Na França, por exemplo, utiliza-se o termo *bande dessinée*; na Itália, *fumetti*; no Japão, *mangá*; e, na Espanha, *historietas* ou *tebeos*.

Cada uma dessas denominações revela o aspecto valorizado em cada tradição cultural, como o traço gráfico, os balões de fala ou o formato seriado das publicações. Essas variações mostram que a linguagem dos quadrinhos não pode ser rigidamente enquadrada, já que ela assume formas e sentidos distintos, conforme o contexto sociocultural em que se desenvolve. Em relação à produção brasileira, Ravaglio (2018) destaca a relevância histórica do termo “gibi”, que ganhou popularidade entre as décadas de 1940 e 1960, após o lançamento da revista “O Gibi”, idealizada por Roberto Marinho. A palavra, que originalmente era uma gíria para se referir a garotos, acabou se tornando sinônimo do próprio meio. Contudo, nesse período, havia forte resistência por parte da sociedade, que enxergava esse tipo de leitura como prejudicial, associando-a a comportamentos desviantes da juventude (Gonçalo Júnior, 2004).

Apesar da visão negativa que se consolidou naquele momento, a autora evidencia que a origem das narrativas visuais antecede em muito o surgimento das HQs modernas. Povos antigos já utilizavam imagens em sequência para registrar histórias, transmitir ensinamentos e reforçar tradições religiosas ou culturais. Esse legado visual pode ser encontrado em manuscritos ilustrados, tapeçarias, gravuras populares e até vitrais. Tais expressões, que misturavam linguagem pictórica e elementos textuais, são precursoras daquilo que hoje entendemos como quadrinhos.

Com o passar dos séculos, essas manifestações foram ganhando novos contornos e passaram a englobar gêneros variados, como contos de fadas, fábulas, mitos e sátiras. Dessa forma, compreende-se que os quadrinhos, além de serem uma forma de comunicação acessível e estética, constituem um recurso expressivo antigo e em constante transformação, que dialoga com a cultura, a educação e os valores sociais de cada época.

2.7 A multimodalidade nas Histórias em Quadrinhos

Apesar das discussões teóricas sobre alfabetização visual e multimodalidade serem amplamente defendidas por autores como Santaella (2012) e Santana (2017), ainda se observa que a leitura de imagens nas escolas tende a ser tratada de forma superficial. Essa afirmação desloca o olhar pedagógico para práticas que valorizem verdadeiramente a linguagem visual, e não a utilizem apenas como ilustração. É nesse cenário que se insere o conceito de multimodalidade, que se refere à integração de diferentes modos semióticos como palavras, imagens, cores, gestos e layout, na produção de sentido em um texto.

A alfabetização visual significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações. Ainda bastante presas à Santana (2017), quando um dado gênero, escrito ou falado, traz em sua composição mais de uma forma semiótica, estamos diante de multimodalidade textual. A ideia de que o texto verbal é o grande transmissor de conhecimentos, as escolas costumam negligenciar a alfabetização visual de seus educandos (Santaella, 2012, p. 14).

Essa definição é essencial ao se pensar práticas educativas para alunos surdos, pois reconhece que o texto não é formado apenas por palavras, mas por um conjunto de signos visuais que contribuem para a construção do significado.

A combinação de recursos como as cores e o tamanho das letras, por exemplo, tende a prender a atenção de quem observa o texto, já que cria hierarquia ou grau de

importância entre esses elementos semióticos em sua composição. Entretanto é preciso destacar que, mesmo que um texto não apresente “imagem”, ou seja, ainda que seja um texto composto apenas pelo código escrito, de acordo com os estudos da multimodalidade, recursos como a cor de letras e as fontes diversificadas tornam o texto também visual (Santana, 2017, p.203).

Além destes aspectos, no trabalho com a HQ, em sala de aula, ainda é importante estudar: a sua constituição, as formas de circulação, o público leitor, os subtipos (tiras, charges, cartuns, mangás), os tipos de balões (de conversa, grito, sonho, pesadelo, medo, pensamento), os tipos e tamanho de letras, as cores, as onomatopeias, a organização do texto no papel, os papéis sociais atribuídos aos personagens, ou seja, todos os recursos utilizados para a construção de sentido, além dos valores sociais apresentados e das ideologias que perpassam os textos (Queiroz; Aquino, 2017, p.8).

A multimodalidade é um elemento essencial nas HQs, pois enriquece a narrativa e potencializa a interação do leitor com a obra. A articulação entre recursos visuais e verbais amplia as possibilidades de interpretação, tornando a leitura mais dinâmica, atrativa e significativa. Assim, o trabalho com HQs, quando aliado à análise multimodal, contribui para formar leitores mais críticos e atentos aos diversos modos de construção de sentido presentes nos textos.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado por meio de abordagem qualitativa, com base na análise documental de Marconi e Lakatos (2002).

A abordagem qualitativa é baseada na presença ou ausência de alguma qualidade ou característica, e também na classificação de tipos diferentes. Qualitativas quanto acumulação de informações detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante. Dá-se precedência ao caráter representativo sistemático e, em consequência, os procedimentos de amostragem são flexíveis (Marconi; Lakatos, 2002, p.140).

As autoras Marconi e Lakatos (2002, p. 62) destacam que “a análise documental envolve a avaliação de materiais que ainda não passaram por um tratamento analítico ou que podem ser reestruturados em função dos objetivos do estudo”. De acordo com suas considerações, essa metodologia inclui tanto documentos tradicionais quanto aqueles não convencionais como: fotografias, histórias em quadrinhos, gravações e outros tipos de conteúdos visuais. Nossa

investigação buscou analisar de que forma as Histórias em Quadrinhos, conectadas a Pedagogia Visual, podem contribuir para a compreensão leitora dos alunos surdos.

Além disso, o estudo consultou diversos autores como Campello (2007; 2008), Lacerda *et al.* (2011), Santana (2017), entre outros. Tal embasamento teórico será essencial para dar suporte à análise dos materiais. Optamos por essa metodologia devido à sua importância para o tema e por permitir uma investigação, sem precisar fazer entrevistas, o que se encaixa nos limites e nos objetivos definidos para o estudo.

A pesquisa foi organizada em três etapas principais. Na primeira, procedeu-se à identificação de elementos multimodais presentes na HQ do autor Lucas “Tikinho”. Na segunda etapa, foram comparados HQs Tradicional, Bilíngue, Visual e *Signwriting*, identificando quais são as contribuições para compreensão leitora dos alunos surdos; Por fim, na terceira etapa, propomos um planejamento didático baseado na Pedagogia Visual com uso de HQs como ferramenta de contribuição para compreensão leitora dos alunos surdos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste estudo, percorremos um caminho que começou pelo olhar atento aos elementos multimodais que compõem as Histórias em Quadrinhos do autor Lucas Ramon “Tikinho.” “Três Patetas Surdos” é o título do primeiro volume criado por um cartunista surdo.



Figura 3- Três Patetas Surdos

Fonte: Ramon (2016).

A análise multimodal dessa HQ, está baseada na perspectiva das autoras Queiroz; Aquino (2017) e Santana (2017), revelando uma construção de sentido que vai além do enredo, articulando elementos verbais, visuais e simbólicos para transmitir a narrativa e provocar efeitos de humor. Segue o quadro com os elementos multimodais encontrado na HQ:

Quadro 1 – Elementos Multimodais

Elemento multimodal	Exemplo na HQ
Imagens sequenciais	Quadros organizados em duas páginas que orientam a leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo.
Expressão facial	Raiva, surpresa, alegria e determinação.
Uso da Libras	Sinal: Quem é você? Sinal do personagem Você é? Sim! Entendo!
Onomatopeia	PUF
Texto Escrito ou Legenda	Quem é você? Você é? Sim! Entendo!
Cores	As cores são vibrantes, com predominância de azul, verde, contraste nas roupas e tons de pele, criando um ambiente visualmente atraente e facilitando a leitura da ação.

Fonte: As autoras (2025).

Em síntese, a HQ explora múltiplos modos semióticos, textos, imagem, cor, diagramação, tipografia e onomatopeia para criar uma narrativa coesa e divertida, confirmando o que defendem Queiroz; Aquino (2017) e Santana (2017), a análise de quadrinhos deve considerar todo conjunto de recursos, e não apenas o conteúdo verbal, pois é a articulação entre esses modos que produz sentido e engaja o leitor.

Segundo Santana (2017), quando um dado gênero, escrito ou falado, traz em sua composição mais de uma forma semiótica, estamos diante de multimodalidade textual. Assim, a HQ analisada exemplifica o que Santana (2017) afirma.

Na segunda etapa, mergulhamos em comparações de HQs Tradicional, Bilíngue, Visual e *Signwriting*, identificando quais são as contribuições para a compreensão leitora dos alunos surdos. Essa investigação permite observar como cada modalidade de HQ mobiliza recursos linguísticos e visuais, favorecendo diferentes aspectos da leitura, como a construção de sentido, a ampliação de vocabulário e o fortalecimento da relação entre texto e imagem.

Para organizar essa análise, elaboramos um quadro comparativo considerando quatro perspectivas principais: HQ Tradicional: composta unicamente por texto em língua portuguesa, com foco na narrativa escrita e apoio visual das imagens; HQ Bilíngue: combina língua portuguesa e Libras, proporcionando acesso simultâneo à informação em duas línguas e reforçando a compreensão; HQ Visual (Elementos não verbais): prioriza recursos visuais, expressões faciais, gestos e cenários para transmitir o enredo, reduzindo a dependência da leitura verbal; HQ em *SignWriting*: utiliza a escrita de sinais como meio principal de registro linguístico, valorizando a língua de sinais como forma legítima de escrita e ampliando a autonomia leitora de surdos sinalizantes.

Com esse quadro, buscamos evidenciar como diferentes modalidades de HQ podem atuar como ferramentas inclusivas, facilitando a compreensão leitora e promovendo o acesso equitativo à informação para estudantes surdos.

Quadro 2 – Análise de HQs

Imagem da HQ	Análise de Contribuições
HQ Tradicional: Figura 4- Liga da Justiça e Vingadores	<ul style="list-style-type: none"> ● Português escrito, ajuda no aprendizado da L2 para o aluno surdo. Conforme aponta Moraes e Cruz (2017).



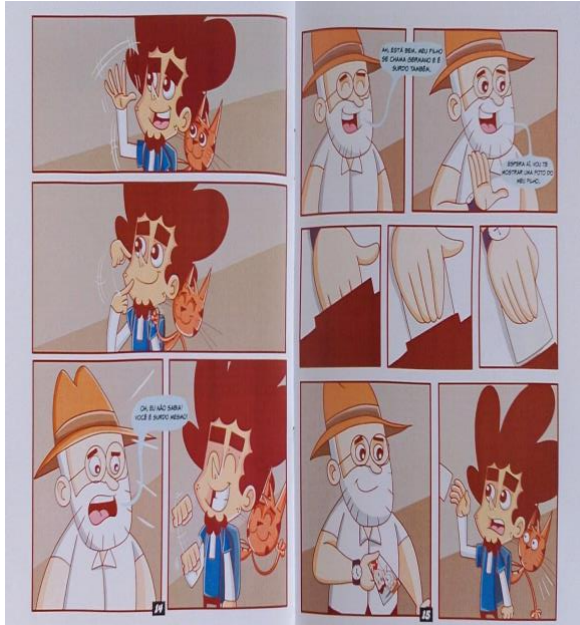
- Permite que o aluno faça inferências a partir das expressões faciais e gestos dos personagens, mesmo que a estrutura verbal seja predominante.

- Amplia vocabulário e conhecimento gramatical da Língua Portuguesa.

HQ Bilíngue:

Figura 5 – Os Dinossauros Sobrevivem

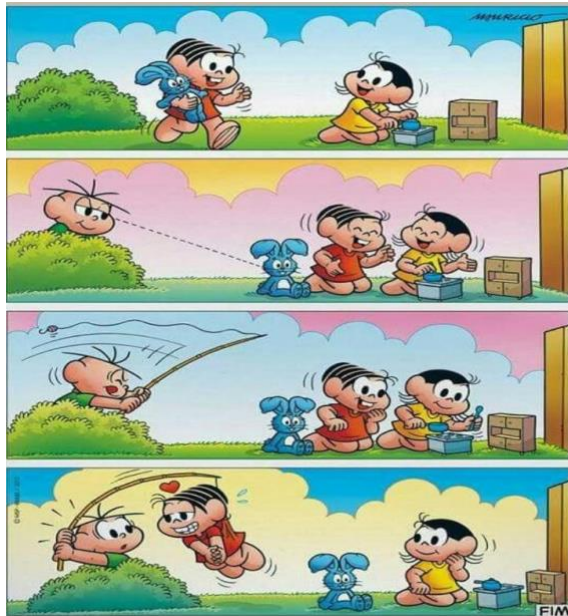
- Narrativa em Libras e Português. Favorece a aprendizagem de vocabulário em ambas as línguas.
- Atua como recurso de inclusão, pois mantém a identidade linguística e cultural do aluno surdo.



- O uso da Libras representada garante acessibilidade e mantém a lógica da Pedagogia Visual defendida por Campello (2008).

HQ Visual:

Figura 6 – A Turma da Mônica



- Compreensão por meio de imagens, expressões faciais, gestos e cenários.
- Desenvolve a habilidade de leitura de imagens e de inferências visuais, consideradas centrais na Pedagogia Visual e na multimodalidade Campello (2008) e Santana (2017).
- Estimula a interpretação subjetiva.

HQ em *SignWriting*:



Figura 6 – Dragon Ball Super

- Valoriza e legitima a língua de sinais na modalidade escrita.
- Facilita a compreensão direta para sinalizantes nativos.
- Favorece a autonomia leitora do surdo.
- Abrange parâmetros que o sistema de Stokoe e a maioria dos sistemas não incluem. A expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais (Stumpf, 2005, p.58).

Fonte: As autoras (2025).

A análise evidencia que cada modalidade de HQ oferece contribuições específicas e complementares para a compreensão leitora dos alunos surdos. As HQs Tradicionais reforçam a leitura e o vocabulário em português; as HQs Bilíngues promovem o acesso simultâneo ao português e à Libras, fortalecendo a aprendizagem das duas línguas; As HQs Visuais ampliam a compreensão por meio de elementos não verbais, favorecendo leitores com diferentes níveis de letramento; e as HQs em *SignWriting* valorizam a escrita da língua de sinais, garantindo acesso à narrativa e estimulando a autonomia leitora. Assim, a diversidade de formatos amplia as possibilidades de inclusão e assegura que a leitura seja uma experiência acessível, significativa e culturalmente relevante para o público surdo.

Na perspectiva da Pedagogia Visual (Campello, 2008; Lacerda *et al.*, 2011), os diferentes modos semióticos presentes nas HQs: imagens sequenciais, expressões faciais, gestos corporais, cores, onomatopeias, tipografia e, em alguns casos, o texto verbal e a Libras representada, não são apenas recursos ilustrativos, mas linguagens legítimas que estruturam o processo de leitura para sujeitos cuja experiência de mundo é predominantemente visual.

Na etapa final, propomos um planejamento didático baseado na Pedagogia Visual com uso de HQs como ferramenta de contribuição para compreensão leitora dos alunos surdos. Para pesquisas futuras, pretendemos aplicar e avaliar a proposta. Nesta fase, elaboramos um modelo com Histórias em Quadrinhos para turma inclusiva do 8º ano do ensino fundamental em anexo.

Vale ressaltar ainda, que há uma certa desconfiança recorrente e falta de incentivo, por parte de alguns professores e educadores de surdos, no que se refere ao papel da leitura no desenvolvimento desse público. Tal postura está associada a concepções equivocadas que atribuem aos surdos a incapacidade de ler ou de criar o hábito de leitura. Como observa Campello (2008, p. 139), essa visão restritiva acaba por limitar o acesso a práticas significativas, uma vez que, ao não incentivar, não se constrói um ambiente linguístico adequado nem se utilizam materiais diversificados que possibilitem ao surdo compreender a língua, a leitura e, sobretudo, desenvolver o gosto por ela.

A proposta de planejamento didático aqui apresentado dialoga diretamente com a reflexão de Campello (2008), pois propõe o uso de HQs como recurso pedagógico visual e multimodal, capaz de romper com barreiras linguísticas e culturais. Ao valorizar a Libras, integrar elementos visuais e explorar diferentes modalidades de linguagem, a proposta busca oferecer experiências de leitura inclusiva, prazerosa e culturalmente significativa, contribuindo para a autonomia e o fortalecimento da identidade leitora do estudante surdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar de que forma as Histórias em Quadrinhos (HQs), fundamentadas nos princípios da Pedagogia Visual, podem contribuir para a compreensão leitora de alunos surdos. Partindo das contribuições teóricas de Campello (2007; 2008), Lacerda *et al.* (2011) e Pachiel (2024) e outros autores que discutem a importância dos elementos visuais e multimodais no ensino. A pesquisa, de abordagem qualitativa e documental, apoiou-se na metodologia proposta por Marconi e Lakatos (2002), estruturando-se em três etapas principais: Na primeira, procedeu-se à identificação de elementos multimodais presentes na HQ do autor Lucas “Tikinho”. Na segunda etapa, foram comparados HQs Tradicional, Bilíngue, Visual e *Signwriting*, identificando quais são as contribuições para compreensão leitora dos alunos surdos; Por fim, na terceira etapa, propomos um planejamento didático baseado na Pedagogia Visual com uso de HQs como ferramenta de contribuição para compreensão leitora dos alunos surdos.

A análise evidenciou que as HQs apresentam potencial expressivo para a Pedagogia Visual, pois articulam múltiplos modos semióticos: imagens sequenciais, expressões faciais, gestos corporais, cores, onomatopeias e tipografia, que favorecem a construção de sentido de forma acessível e culturalmente relevante. As HQs Tradicionais contribuem para o fortalecimento da L2 (português escrito); as Bilíngues oferecem acesso simultâneo à Libras e ao português; as Visuais privilegiam recursos não verbais e ampliam a leitura por inferências; e as HQs em *SignWriting* valorizam a escrita da língua de sinais, promovendo autonomia e identidade linguística. Os resultados confirmam que a combinação de recursos visuais e linguísticos não deve ser tratada como mera ilustração, mas como linguagem legítima, capaz de promover compreensão leitora, autoria e pensamento crítico em alunos surdos. O planejamento didático proposto, ainda não aplicado empiricamente, apresenta-se como um roteiro viável para incorporar a Pedagogia Visual às práticas escolares, explorando a multimodalidade e integrando a Libras como língua primeira. Tal proposta reafirma que a inclusão efetiva não se limita à adaptação pontual de materiais, mas demanda uma abordagem metodológica que reconheça e valorize a experiência visual como estruturante do processo de aprendizagem do surdo.

Contudo, conclui-se que as HQs, quando mediadas por estratégias pedagógicas visualmente orientadas, constituem recurso potente para a formação de leitores surdos críticos e autônomos, ampliando seu repertório linguístico e cultural. Recomenda-se que futuras pesquisas realizem intervenções em contextos reais de ensino, a fim de avaliar o impacto concreto dessas práticas, bem como a ampliação da formação docente voltada a Pedagogia Visual e ao uso de gêneros multimodais em contextos educacionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. **Educação de surdos em nível superior: desafios vivenciados nos espaços acadêmicos**. Bahia: Ed. UESC, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 20 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 20 maio. 2025.
CAMPELLO, A. R. S. Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. Disponível em:

<http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-II.pdf>. Acesso em: 5 maio 2025.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis-SouzaCampello2008.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CUNHA, J. S. **Mulheres nos Quadrinhos**: Ju Loyola. São Paulo: Delirium Nerd, 2019.

GONÇALO JÚNIOR, A. **A guerra dos gibis**: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos (1933–1964). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LACERDA, C. B. F. *et al.* (Orgs.). Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. *In*: Educação de Surdos: conhecimentos necessários à atuação pedagógica. São Carlos: UFSCar/UAB, 2011.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAIS, F. B. C. de; CRUZ, O. M. S. da. A história em quadrinhos na aula de língua portuguesa como segunda língua (L2): relato de uma experiência com alunos surdos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 233-270, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/40568>. Acesso em: 1 jul. 2025.

OLIVEIRA, C. I. *et al.* **Imagem e educação**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

PACHIEL, R. C. **O gênero textual história em quadrinhos no letramento visual**: um estudo de caso no ensino-aprendizagem de língua portuguesa como segunda língua para surdos em uma escola pública de Manaus (AM). 2024. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/10646#preview-link0>. Acesso em: 20 jun. 2025.

QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

QUEIROZ, K. B. de; AQUINO, M. de F. de S. **História em quadrinhos**: um gênero marcado pela multimodalidade. Paraíba: Conbrale, 2017.

RAMA, A. *et al.* (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RAMOS, P. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? **Revista intercâmbio**, São Paulo, v. 15, n. 1, não p., 2006.

RAMON, L. **Três patetas surdos**. vol. 1. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2016.

RAVAGLIO, M. de S. **História em quadrinhos: gênese, estrutura e sociedade**. 2018. 310 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-07122018-105505/en.php>. Acesso em: 10 maio. 2025.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTANA, Z. M. F. de. **Leitura de imagem em livros didáticos do 9º ano: ensino ou estratégia de motivação para leitura de outros textos?** Recife: UFPE, 2017.

SILVA, J. Q. da. **Gênero textual história em quadrinhos: uma proposta de ensino do português para alunos surdos**. 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Libras) – Universidade Federal do Acre, Centro de Ensino Letras e Artes, Rio Branco, 2021.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting*: línguas de sinais no papel e no computador**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

APÊNDICE - Proposta Planejamento Didático

PROPOSTA DE PLANEJAMENTO DIDÁTICO	
Tema:	Compreensão leitora com Histórias em Quadrinhos.
Disciplina:	Língua Portuguesa.
Público-Alvo:	Estudante do Ensino Fundamental (6º, 7º e 8º).
Turma:	Inclusiva.
1.Objetivos:	Estimular a compreensão leitora de alunos surdos por meio da Histórias em Quadrinhos e produção de HQs; Identificar elementos multimodais.
2.Conteúdos:	<ul style="list-style-type: none"> ● Elementos linguísticos da HQ; ● Leitura e compreensão de textos visuais; ● Multimodalidade textual.

3. Metodologia

Aula 1 – Leitura e análise

1. Acolhimento e ativação de conhecimentos prévios: Perguntar sobre HQs que os alunos conhecem. Mostrar imagens de HQs e perguntar: “O que você entende só olhando?”
2. Apresentação de uma HQ curta e visual.
3. Leitura guiada: Primeira leitura apenas visual, sem tradução de texto. Segunda leitura com tradução em Libras (professor ou intérprete).
4. Identificação dos elementos multimodais: Apontar no quadro da HQ: onomatopeias, balões, gestos, cores, linhas de movimento.
5. Discussão em grupo: Como a HQ conta a história sem depender só de palavras?

Aula 2 – Produção e compartilhamento

1. Produção coletiva: Dividir a turma em pequenos grupos (misturando surdos e ouvintes). Cada grupo cria de 3 a 4 quadros de HQ usando imagens, balões, gestos e cores. Balões podem ter versão escrita e versão em Libras.
2. Apresentação das HQs: Cada grupo explica a história em Libras e Português escrito.
3. Registro e exposição: Colar HQs na sala ou publicar em mural escolar.

4. Recursos Didáticos

- HQ impressa ou projetada.
- Quadro branco/cartolina.
- Marcadores coloridos.
- Folhas A4 ou papel kraft para produção das HQs.

5. Avaliação

- Participação nas aulas.
- Capacidade de identificar elementos multimodais na HQ.
- Clareza na compreensão da narrativa (em Libras e Português escrito).
- Criatividade e integração dos modos semióticos na HQ produzida.